

## Questionamentos sobre o atendimento com crianças

Vinícius Rafael de Oliveira

A partir da descoberta da sexualidade infantil por Freud, o percurso e as questões levantadas pelo atendimento infantil passaram por diferentes concepções. Após o caso do pequeno Hans, principalmente na década de 1920 com o antagonismo entre Melanie Klein e Anna Freud, tiveram início fortes concepções e formulações teóricas.

A filha de Freud colocava a necessidade de uma “análise pedagógica”, a saber, um treinamento analítico num momento prévio ao de iniciação da análise. O analista fica paradoxalmente numa posição extravagante a análise, um tal período necessário ao processo terapêutico, para que uma reeducação fosse atingida; um desprendimento dinâmico na relação pais-filho.

Já Melanie Klein, destaca a importância da entrada direta da criança em análise. Ela focaliza o papel do brincar como compatível ao da fala no adulto, e o considera como gerador do material prioritário a ser investigado. Para Klein, opostamente a Anna Freud, de modo algum o processo de cura seria pautado num adestramento euóico.

O que dizia então o próprio Freud? Apesar de não haver atendido diretamente crianças (já que no famoso caso do Pequeno Hans a análise teria sido levada por seu próprio pai), deixaria com toda a teorização da sexualidade infantil, interessantes pontos de investigação, tais como: Complexo de Édipo, narcisismo, neurose infantil; elementos estes primordiais na estruturação do sujeito.

Já com Freud, foi evidenciado o papel do trauma como elemento Real inerente a constituição de todo ser falante. Segundo ele, como formação defensiva frente a esse Real, o sujeito constrói as **fantasias originais**; os fantasmas umbilicais do mundo inconsciente. O desejo da criança, como de qualquer sujeito está implicado na escrita do fantasma.

Freud destacava o bebê como objeto cambiável privilegiado na economia e dinâmica inconscientes, e as possibilidades de atuação trazidas no encadeamento (pênis- fezes-presente-dinheiro), como elemento simbólico; e portanto, como um significante a ser substituído na cadeia. O bebê entra então como falo – equivalência ao objeto faltante na mulher, “por essa via, a criança participa do fantasma materno e está sujeita as capturas imaginárias que se lhe oferecem para responder a falta do Outro. ” (p.14)

## **Em Lacan**

Lacan, na proposição de 9 de outubro de 1967 afirma: “No início da psicanálise está a transferência”. Haveria alguma razão para que na psicanálise com crianças esse dizer não mantivesse sua validade? Não. Sempre em análise está o sujeito do inconsciente (dividido e sintomático).

Sendo assim, de nada servem aquelas velhas e desbotadas discussões acerca de categorizações específicas da técnica analítica entre psicanálise de crianças, de idosos, etc. Na análise com crianças, não é outro sujeito que está em pauta senão aquele inconsciente, que irrompe de um significante a outro. Da mesma forma como acontece no processo analítico com adultos há uma temporização lógica de instauração da transferência, e não cronológica.

Um diferencial no atendimento com crianças é que ela é levada a análise; há uma demanda inicial dos pais. Comumente, esse momento inicial de demanda coloca o analista no lugar de sujeito suposto saber, do saber suposto possível de responder aos questionamentos do sujeito. Tempo de pura atribuição imaginária, tal como Freud expõe quando fala do *amor de transferência*; e Lacan, também o explicita em seu Seminário da Transferência, trazendo o *Banquete* de Platão com todos seus discursos acerca do amor, de Eros. Esse engodo inicial é sustentado pelo analista, mas, vale ressaltar, sem que ele próprio caia no engano, para que assim possa firmada a transferência.

Em seu Seminário, *O saber do analista*, Lacan coloca esse momento como constituinte do que chamou as **entrevistas preliminares**. Destaca-se aqui que esse tempo lógico necessário para a consolidação da transferência não é passível de ser determinado com anterioridade como pretendem os “manuais de terapia analítica” e/ou de quaisquer regras que supõem um número “adequado” de sessões.

Pode-se dizer que na verdade, esse intervalo das entrevistas preliminares só é reconhecido num *só-depois* da análise, ou seja, percebido numa *posterioridade*, e entendido como momento de surgimento da *tiquê*, do Real, próprio ao discurso de cada sujeito. Ele representa o surgimento de um significante intimamente pessoal que pega o analista de surpresa. É o momento propício para que esse consiga abandonar a farsa inicial e permita que a análise seja colocada em curso.

É justamente por isso, que não podemos ficar abraçados a manuais e regras que falam das entrevistas preliminares como uma sequência cronológica a ser seguida em tantas ou tantas sessões (nas geralmente faladas 6 a 8 sessões). Essa disposição posta de

forma **organizada e linear** é impossível à psicanálise, pois, “quando há *tique*, não há simplicidade – o que há é surpresa, espanto”. (p.19)

Após esse breve caminho percorrido, quais seriam então as especificidades da análise com crianças?

A questão da demanda inicial proveniente dos pais e não dos próprios analisantes traz fortes implicações na instauração transferencial peculiar as entrevistas preliminares. Como por exemplo, a demanda não trará questionamentos sobre o desejo do proposto analisante, mas sim, uma demanda de análise carregada de expectativas de quem leva a criança a análise. Demanda, que certamente, trará indicativos quanto ao lugar dessa criança no sintoma e fantasma familiares.

Outra peculiaridade é que não podemos falar de transferência, com os pais, como aquela a ser instituída com o sujeito em análise. Vale ressaltar que **um tanto** de transferência com os pais é o que possibilita o processo. Assim, nesse caso, haverá a instauração de um afeto, uma transferência de ordem majoritariamente imaginária; um afeto em relação, principalmente, ao nome e a figura do analista.

Podemos supor, por assim dizer, uma *certa suposição de saber*. Mas, sem a real formação do **sujeito suposto saber**, mecanismo privilegiado da entrada em análise.

### **Sobre o brincar, desenhar, etc.**

Na análise do Pequeno Hans, feita por Freud por intermédio de seu pai, o teórico buscava confirmação para suas teorias acerca da sexualidade infantil, e também todo um aprofundamento em relação a fobia, a castração e a função paterna. Pode-se dizer, que não havia, em Freud, a vontade do desenvolvimento de um manejo próprio ao atendimento psicanalítico com crianças.

Foi alguns anos após o caso Hans que se deu certo *boom*, principalmente, de autoras, interessadas em trazer formulações e técnicas específicas a “análise infantil”.

Inicialmente, Sophie Morgstern, na França, foi pioneira, com seus estudos com crianças mudas, e o consequente desenvolvimento de seu método de análise através de desenhos. Ela destacou os desenhos da criança como carregados de um dizer próprio.

Posteriormente, as rivais de Viena, Melanie Klein e Anna Freud, trouxeram ideias bastante diferentes quanto a questão da observação do brincar infantil.

Para Klein, o brincar compõe o elemento essencial na análise de crianças. A atividade lúdica permite o acesso ao mundo fantasmático infantil.

Há, então, em Klein, uma preocupação extremada em decifrar o significado de toda ação da criança em seu jogo e com cada brinquedo em específico. Desse modo, cada elemento (o carrinho, o trenzinho, as cartas do baralho, etc.) ganha significação própria, cada composição tem sua interpretação. Ressalta-se aqui que essas chaves de interpretação só servem como amarras e engessamento do processo analítico. Nesse contexto, o significante é desprezado em prol da “grandiosidade” do significado.

Cria-se, assim, uma gama de enquadres e técnicas que estabelecem as correspondências interpretativas do brincar.

Há uma **demanda do analista** para que a criança brinque. **Como ficam assim a fala, o discurso, e a associação livre?**

“O efeito disso, muito estranho por sinal, é o analisante ter de escutar um ‘analista’ falar tudo sobre ele (o analisante), mesmo que nada tenha sido colocado como discurso”. (p. 45)

Numa vertente contrária a Klein, Anna Freud, considera o brincar como secundário ao processo analítico. Todo o interesse está em que a criança forme o vínculo com o analista, para que a partir disso as **interpretações e, principalmente, as intervenções** sejam colocadas em movimento.

Com Winnicott, temos uma perspectiva diferenciada em relação ao brincar. O brinquedo é tido como objeto transicional, representando um *entre-deois*, um espaço lógico-temporal peculiar, que é marcado como suporte ao descolamento mãe-criança. Esse espaço é inerente a constituição de todo sujeito ao inscrever a criança no campo da criatividade e da cultura, ou seja, no mundo linguajeiro.

Mas, é, já com o próprio Freud, e posteriormente, de forma mais destacada com o acréscimo de teórico de Lacan que é trazida uma dimensão que escapa a esses “teóricos da análise infantil”.

Uma dimensão questionada por Freud ao nos trazer o jogo do *fort-da* de seu neto. As dimensões imaginárias e simbólicas, as mais claramente percebidas nesse jogo, já haviam sido amplamente abordadas. Mas, há também aí, uma outra dimensão, ligada a repetição e a insistência. Marca de uma ausência, de um furo deixado por um objeto, sendo este, constitutivo. Objeto representante do encontro com o que é da ordem da *tiquê*, da ordem do Real.

“Não se deve pensar no *fort-da* apenas como um jogo onde a criança garante sua autonomia, mas também como uma demonstração da estrutura significante que lhe é imposta”. (P.47) O brinquedo como suporte desse objeto *a* permite trabalhar em direção

do Real, fazendo o nó com o Simbólico e o Imaginário. Lacan enxerga o jogo fora da ordem da significação, esta, podendo até vir num tempo posterior, mas, aqui, quem representa o sujeito é a remetência de significante a significante.

Para que uma clínica seja composta, verdadeiramente, pela dimensão do discurso psicanalítico, não é função do analista demandar coisa alguma. Sua função é de estar atento a momentos que os três registros da linguagem estejam comprometidos.

### **Derradeiras considerações**

Será possível que fiquemos presos apenas a dúvidas quanto a que material usar, que jogos, e também a normas como: pedir para brincar, pedir para desenhar, pedir que se arrume tudo antes de deixar a sala, etc. E assim, não perceber que tudo isso se configura num infindável emaranhado de perda imaginária? Todo esse novo constitui “matéria” para que o analista se afaste do que realmente importa.

Podem haver diferentes formas de manejo que entram em ação de sessão a sessão; mas, **a técnica psicanalítica, é uma só. A regra é uma só, a fundamental: fale o que vier a cabeça.** E aí, o analista, pode colocar em exercício seu bem mais precioso: **sua escuta.**

### **Questionamentos e reflexões**

1) Como se daria a entrada de uma criança em análise?

Reflexão: Ao sair da repetição do sintoma e fantasma familiar, em direção a questionamentos quanto seu próprio desejo, representante do sujeito sintomático e dividido. A caracterização de sintoma e fantasma próprios são como um alerta ao analista desse momento.

A surpresa do analista quanto a esse primeiro tempo de conjunção dos três registros citado acima. Algo que cria um “o que é isso?” Tempo de destituição do sujeito suposto saber e passagem a semblante de *a* como causa de desejo.

Momentos tique ou momentos *que porra é isso?*

Ex.1: Insistência em colocar capa em todos nas brincadeiras com massinha.  
Posteriormente: “Pra eles não adoecerem”.

Ex.2: Insistência em desenhar monstros com mãos com pinças. Posteriormente: “Garras de caranguejo. Porque são as mais poderosas, as mais difíceis de se soltar”.

- 2) Uma outra peculiaridade possível: a conquista do respeito. Claro que é algo que também acontece com adultos. Mas, talvez, pela criança vir trazido por outro os sentimentos possam ser ainda mais vívidos, tais como: “que tô fazendo nessa sala? Quem é esse cara?” Etc.

Reflexão: Por trabalhar com o preceito de sujeito trazido pela psicanálise e a escuta como elemento primordial, tenhamos de suportar toda a angústia possível trazida pelo silêncio.

O passar a mão na cabeça, se colocar como “tio”, coisas assim só reforçam as armadilhas imaginárias. Como também uma preocupação em transformar o consultório num mundo encantado com arco-íris, os melhores brinquedos e almofadas de algodão doce. Um zelo exagerado no visual e instrumentais que acabam levando a *playgrounds* muito bem montados em detrimento ao consultório como *locus* privilegiado de discurso.